

# Educação:

DIÁLOGOS  
CONVERGENTES  
E ARTICULAÇÃO  
INTERDISCIPLINAR

---

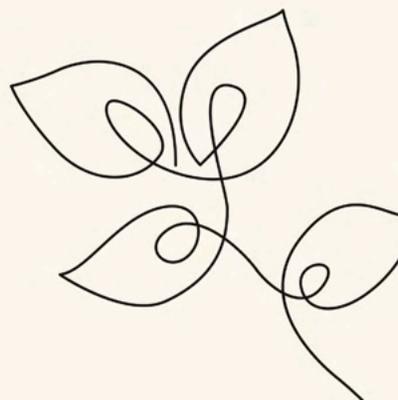
**Atena**  
Editora  
Ano 2021

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt  
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom  
(Organizadoras)

*Apresentador da palavra, Descontinator do mundo,  
Apontador de caminhos, Transformador da vida,*

5

*Sonhador, Trabalhador, Educa a dor, Planta amor.*



# Educação:

DIÁLOGOS  
CONVERGENTES  
E ARTICULAÇÃO  
INTERDISCIPLINAR

---

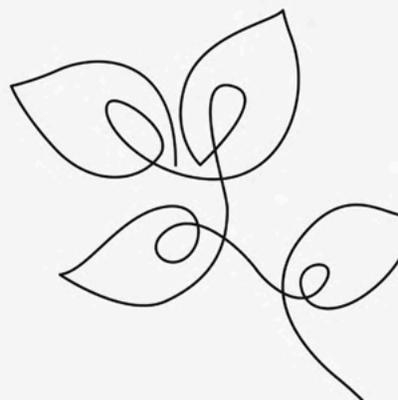
  
Ano 2021

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt  
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom  
(Organizadoras)

*Apresentador da palavra, Descontinator do mundo,  
Apontador de caminhos, Transformador da vida,*

5

*Sonhador, Trabalhador, Educa a dor, Planta amor.*



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Educação: diálogos convergentes e articulação interdisciplinar 5

**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadoras:** Adriana Regina Vettorazzi Schmitt  
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: diálogos convergentes e articulação interdisciplinar 5 / Organizadoras Adriana Regina Vettorazzi Schmitt, Jacinta Lúcia Rizzi Marcom. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-500-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.003212209>

1. Educação. I. Schmitt, Adriana Regina Vettorazzi (Organizadora). II. Marcom, Jacinta Lúcia Rizzi (Organizadora). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

Num olhar aguçado sobre o momento pandêmico vivido contactou-se que a educação precisou se reinventar e ressignificar para continuar desempenhando seu papel, de construir o conhecimento.

Nesse contexto, a educação, a formação e profissão docente, as metodologias, o processo avaliativo e as relações entre professor e aluno receberam uma pitada de desafios para repensar conceitos, a fim de atender padrões estipulados pelas novas perspectivas da educação escolar.

O ato de ensinar tem se tornado cada vez mais complexo e abarca múltiplas dimensões. Destacamos as novas possibilidades de articulação entre a docência e sua formação, mais alinhado ao uso de novas ferramentas multimidiáticas e tecnológicas, adequadas ao século XXI. Através dessa nova formação, promover o desenvolvimento das competências e metodologias necessárias para a atuação docente na contemporaneidade.

Com esses parâmetros, instigamos os leitores a colocar-se diante dos problemas vivenciados pela sua práxis, abrindo as janelas para outros olhares propostos pelos estudiosos e suas obras.

Esta obra contempla dois temas complementares. O primeiro tema entre os Cap. I ao Cap. X aborda e correlaciona as discussões sobre a profissão docente. Todas as pesquisas e produções desses capítulos compõem uma tessitura textual para discutir histórias de vida, trajetórias profissionais, experiências de estágios à luz de teorias pedagógicas e educacionais. Construídos em uma dialética com os referenciais teóricos que embasam o debate sobre a formação docente e iluminam a formação de sujeitos humanos.

A carreira do magistério coloca os sujeitos frente a contínuos desafios, experiências únicas e novas reflexões sobre seu fazer em sala de aula. Ser professor é um ato revolucionário, político, democrático e social!

Por isso, esta obra veio para contribuir com o debate sobre a precarização do trabalho docente. Refletir sobre as representações sociais no processo de desenvolvimento e os desafios propostos pelo momento pandêmico que requer mudanças estruturais na sociedade. Reconhecer a necessidade de autonomia dos docentes com relação a sua profissão, e destacar a importância de construirmos novas políticas de formação coerentes. Nas palavras de Nóvoa (2011, p. 23) “A única saída possível é o investimento na construção de redes de trabalho colectivo que sejam o suporte de práticas de formação baseadas na partilha e no diálogo profissional”.

Com esse intuito, a parte 2 desse ebook, se debruça a compor diversas reflexões que se complementam. Esta obra possibilita ao leitor propor avanços significativos na discussão de temas atuais iniciando pela comparação entre a capacidade formativa e o potencial mercadológico das formações. Apresenta elementos para discutir sobre a falta de políticas públicas eficientes e do crédito que deve ser dado aos momentos de trocas

de experiências entre os pares em programas de formação continuada, vivenciados pelos profissionais que atuam na educação básica, na educação profissional e no ensino superior.

Nestes tempos plurais, múltiplos e difíceis, esta obra fomenta a discussão da profissão e da formação docente. Propondo medidas que visam compreender os significados atribuídos não apenas ao que foi pesquisado. Mas, também, promover reflexões constantes sobre seu fazer na dialética com o mundo. Essa formação ao longo da vida é complexa e requer construir espaços de troca de saberes para que a docência seja cada vez mais humanizadora.

Uma boa e questionadora leitura a todos!

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Jacinta Lúcia Rizzi Marcom

## **REFERÊNCIAS**

NÓVOA, A. **O Regresso dos Professores**. Pinhais: Melo, 2011.

## SUMÁRIO

### V. PROFISSÃO E FORMAÇÃO DOCENTE DIÁLOGOS CONVERGENTES E ARTICULAÇÃO INTERDISCIPLINAR

#### **CAPÍTULO 1..... 1**

FORMAÇÃO DOCENTE NA ERA DA CULTURA DIGITAL: DESAFIOS E COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS

Jacinta Lúcia Rizzi Marcom

Ana Paula Teixeira Porto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122091>

#### **CAPÍTULO 2..... 20**

IDENTIDADE DOCENTE E BAKHTIN: UMA RELAÇÃO DIALÓGICA

Manuely Vitória de Souza Freire Xavier

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122092>

#### **CAPÍTULO 3..... 28**

HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES: MOTIVAÇÕES, MUDANÇAS E DESAFIOS AO LONGO DA CARREIRA DOCENTE

Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira

Alexandra Ferreira Martins Ribeiro

Aline Ribas dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122093>

#### **CAPÍTULO 4..... 43**

MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA AMAZONENSE

Danilza de Souza Teixeira

Aldair Oliveira de Andrade

Jadson Justi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122094>

#### **CAPÍTULO 5..... 67**

A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA (2000 - 2010)

Vanessa Cristina Meneses Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122095>

#### **CAPÍTULO 6..... 74**

CONTRIBUIÇÕES DAS NEUROCIÊNCIAS PARA O FAZER DOCENTE

Neide Barbosa Saisi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122096>

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>86</b>
CONCEPÇÕES SOBRE DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR NA ÁREA DA SAÚDE: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	
Carolina Tizzot de Munhoz Furtado Ivete Palmira Sanson Zagonel	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122097">https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122097</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>101</b>
ELEMENTOS ESTRUTURANTES DO PROCESSO IDENTITÁRIO DE PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA	
Maria Lídia Paula Ledoux Tadeu Oliver Gonçalves	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122098">https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122098</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>118</b>
O PERCURSO PROFISSIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS JOVENS DOCTORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA	
Andréia Fernanda Moletta Karina Soledad Maldonado Molina	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122099">https://doi.org/10.22533/at.ed.0032122099</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>125</b>
ESTÁGIO SUPERVISIONADO E FORMAÇÃO DOCENTE	
Laisa Pinho de Souza Jussara Figueiredo Gomes	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220910">https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220910</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>130</b>
OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NAS LICENCIATURAS: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES	
Cláudia Regina Costa Pacheco	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220911">https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220911</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>140</b>
ENTRE A CAPACIDADE FORMATIVA E O POTENCIAL MERCADOLÓGICO: UM RETORNO À LITERATURA NO CONTEXTO DA INDÚSTRIA CULTURAL HOJE	
José Cândido Rodrigues Neto	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220912">https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220912</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>155</b>
A REFLEXIVIDADE DE DONALD SCHÖN E AS POLÍTICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL NA DÉCADA DE 1990	
Joceli de Fatima Arruda Sousa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220913">https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220913</a>	

**CAPÍTULO 14..... 166**

**MULTIPLICANDO SABERES – A IMPORTÂNCIA DA TROCA DE EXPERIÊNCIAS**

Nívia Maria Scanferla Moura Rossi

Angela Maria Magalhães Liguori

Brígida Bredariol

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220914>

**CAPÍTULO 15..... 173**

**FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE NO BRASIL: UM OLHAR A PARTIR DA PROPOSTA DO ENSINO HÍBRIDO PARA O ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Luana Alves dos Santos

Analice Gonçalves Rodrigues de Mendonça

Luciana Valéria Leão Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220915>

**CAPÍTULO 16..... 186**

**UNIVERSIDADE PÚBLICA E FORMAÇÃO DOCENTE: TRILHAS E ILHAS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Osmarina Guimarães de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220916>

**CAPÍTULO 17..... 198**

**A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA EM SERGIPE EM RELAÇÃO À DEFICIÊNCIA AUDITIVA**

João Paulo Attie

Alanne de Jesus Cruz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220917>

**CAPÍTULO 18..... 208**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO TEMA TRANSVERSAL EM DUAS ESCOLAS MUNICIPAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ALTAMIRA - PA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Claudinéia Terra Vieira

Leonardo Pinto da Cunha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220918>

**CAPÍTULO 19..... 216**

**O ENSINO DE ESTATÍSTICA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA DAS ESCOLAS BÁSICAS NA CIDADE DE ARAPIRACA- AL**

Thainã Thaisuane Oliveira Sena

José Clebson dos Santos (*in memoria*)

Ademária Aparecida de Souza

Antônio Lucrécio dos Santos Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220919>

<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>229</b>
PROGRAMA GESTAR: UMA POLÍTICA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM VILHENA - RO	
Claudia Aparecida Prates Bruna Fonseca Tavares	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220920">https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220920</a>	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>239</b>
SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO PIBID: DIÁLOGO COM UM PROFESSOR EGRESSO DA UFSCAR-SOROCABA	
Valtair Francisco Nunes de Brito	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220921">https://doi.org/10.22533/at.ed.00321220921</a>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS.....</b>	<b>249</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>250</b>

# CAPÍTULO 12

## ENTRE A CAPACIDADE FORMATIVA E O POTENCIAL MERCADOLÓGICO: UM RETORNO À LITERATURA NO CONTEXTO DA INDÚSTRIA CULTURAL HOJE

Data de aceite: 02/09/2021

Data de submissão: 15/06/2021

**José Cândido Rodrigues Neto**

Universidade Estadual da Paraíba  
Campina Grande – PB

<http://lattes.cnpq.br/3276959165117202>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo discutir a relação que se dá no âmbito da literatura entre o seu potencial mercadológico e sua capacidade formativa, levando-se em consideração o contexto de Indústria cultural nos dias atuais. Para desenvolver esta investigação, primeiramente utilizaremos os textos *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, de Walter Benjamim e *A dialética do esclarecimento*, de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, para entender o contexto da reprodução da arte e sua inserção na lógica da indústria cultural. Também recorreremos a Costa, Durão e Jameson, buscando uma atualização desta discussão. Em seguida, abordaremos o romance *Meshugá* de Jacques Fux, à luz dos conceitos frankfurtianos e tentaremos indicar algumas possíveis características que assinalem o potencial formativo presente nesta obra, uma vez que neste romance o autor faz um diagnóstico sobre a loucura do povo judeu remetendo aos horrores vividos por esse povo durante o período da segunda guerra mundial, como meio para lembrar aquilo que não deve ser repetido, para que não haja um retorno à barbárie. Buscaremos discutir

se ainda é possível encontrar uma destinação formativa para a literatura, mesmo estando ela, e todos os outros produtos culturais e artísticos, inseridos em uma lógica mercadológica de indústria cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura Contemporânea. Formação. Indústria Cultural.

### BETWEEN TRAINING CAPACITY AND MARKETING POTENTIAL: A RETURN TO LITERATURE IN THE CONTEXT OF THE CULTURAL INDUSTRY TODAY

**ASBTRACT:** This work aims to discuss the relationship that takes place in the literature between its marketing potential and its formative capacity, taking into account the context of cultural industry today. To develop this investigation, we will first use the texts *The work of art in the age of its technical reproducibility*, by Walter Benjamim and *The dialectic of clarification*, by Theodor W. Adorno and Max Horkheimer, to understand the context of art reproduction and its insertion in the logic of the cultural industry. We will also turn to Costa, Durão and Jameson for an update on this discussion. Then, we will approach the novel *Meshugá* by Jacques Fux, in the light of Frankfurtian concepts and we will try to indicate some possible characteristics that indicate the formative potential present in this work, since in this novel the author makes a diagnosis about the madness of the Jewish people referring to the horrors lived by these people during the period of the Second World War, as a means of remembering what should not be repeated, so that there is no return to barbarism. We will seek to discuss whether it is still possible to find a

formative destination for literature, even though it, and all other cultural and artistic products, are inserted in a marketing logic of a cultural industry.

**KEYWORDS:** Contemporary Culture. Formation. Cultural Industry.

## 1 | INTRODUÇÃO

O acesso às produções artísticas tem se expandido ao longo do tempo. Isto tem acarretado inúmeras mudanças na concepção que se tem da arte. No período antigo até boa parte da modernidade ela se destinava a funções ritualísticas e à contemplação e culto do belo. Poucos indivíduos tinham acesso às obras de arte. Entretanto, com a expansão do capitalismo e o surgimento de modernas técnicas de reprodução, a arte torna-se um fenômeno das massas e passa a ser cada vez mais exposta e acessível. Os produtos artísticos tornam-se bens de consumo e são incorporados dentro de uma lógica de mercado. Quando a arte passa a ser estandardizada, seu valor estético e suas demais funções são deixadas em segundo plano e ela torna-se objeto do entretenimento ou de promoção do status quo. Tendo em vista que a literatura é uma forma de expressão artística, ela também passa por este mesmo processo, tornando-se, assim, um produto de consumo.

Este trabalho busca investigar se nesse contexto de indústria cultural, onde os produtos artísticos tornam-se bens de consumo com potencial mercadológico, a arte, especialmente a literatura, ainda pode preservar alguma outra função que não seja simplesmente, atender às demandas de mercado. Será que a literatura ainda porta algum potencial formativo? De que forma ela ainda poderia preservar tal potencial? Para desenvolver este estudo e discutir tais indagações, primeiramente utilizaremos os textos *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, de Walter Benjamin, e *A dialética do esclarecimento*, de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, para entender o contexto da reprodução da arte e sua inserção na lógica da indústria cultural. Para atualizar essa discussão, recorreremos a textos de Costa, Durão e Jameson. Em seguida, como forma de ilustrar e exemplificar uma possível persistência do potencial formativo da literatura, analisaremos o romance *Meshugá*, de Jacques Fux. Neste livro, o autor traça um panorama da loucura do povo judeu, que pode ser interpretado como forma de lembrar o passado deste povo, marcado pelos horrores do holocausto, para que tal passado não seja esquecido e não se repita. Isto nos permite inferir que, no romance *Meshugá*, a literatura se mostra dotada de potencial formativo, com a capacidade de humanizar os indivíduos para que a barbárie não torne a ocorrer. Não buscaremos encontrar nesta obra uma pedagogia ou um projeto de formação intelectual, mas apenas uma tentativa de conscientização por meio da literatura, visando a evitar um possível retorno do estado de barbárie.

## 1.1 A decadência da aura da obra de arte e a sua incorporação à indústria cultural

A reprodução de uma obra de arte não preserva sua autenticidade, seu *hic et nunc*, que é a dimensão do aqui e do agora, conduzindo a uma desvalorização de sua aura, que é definida como “a única aparição de uma realidade longínqua, por mais próxima que esteja” (BENJAMIM, 1983, p. 9). A aura aponta para o caráter de autenticidade e singularidade da obra de arte, e a sua relação com o passado, que é alterada pelas novas técnicas de reprodução.

Segundo Benjamin (1983, p. 5-6), as obras de arte sempre foram reproduzidas, todavia, as novas técnicas de reprodução passam a se impor como arte, são elas: o cinema e a fotografia. Estas técnicas trazem uma maior aproximação da obra aos indivíduos, talvez até preservando o conteúdo da arte, entretanto, promovem uma desvalorização de sua aura, tendo em vista que esta é definida como a aparição única de uma realidade longínqua. Quando se modifica a relação de um objeto com o passado, por meio de sua reprodução, tal reprodução conduz à depreciação daquilo que só aparece uma vez, desvirtuando seu poder de testemunho histórico e rompendo com sua singularidade. Desse modo, a aura da obra de arte entra em decadência. Entretanto, isto não significa o fim da aura, pois como defendido por Hullo-Kentor (2009, p. 14), mesmo uma reprodução imperfeita ainda preservaria resquícios de autoridade da obra reproduzida. Não obstante, a decadência da aura conduz a arte para mais próximo dos indivíduos, tornando-a acessível e consumível.

Ao multiplicarem o objeto artístico em diversas cópias, as técnicas de reprodução tornam a arte um fenômeno de massas, tendo em vista que concedem atualidade permanente a ela, uma vez que o objeto reproduzido pode ser visto ou ouvido em quaisquer circunstâncias. Isto é decorrente da exigência das massas de tornar as coisas mais próximas. Desse modo, a arte acaba sendo modificada para se mostrar a um maior número de pessoas. Com isto, ela passa a ser incorporada à uma indústria que se destina a produzir bens culturais em série. Ao perder sua aura, a arte convida ao entretenimento e à assimilação de ideias por meio de uma percepção distraída, isto ocorre devido à demanda de um novo público que busca a diversão.

Com o advento da indústria cultural os produtos artísticos passam a se destinar ao entretenimento dos trabalhadores, como forma de administrar o tempo que estes passam longe das fábricas ou das atividades de produção. Assim, no contexto de surgimento da indústria cultural, seus produtos visavam:

[...] ocupar os sentidos dos homens de saída da fábrica, à noitinha, até a chegada ao relógio do ponto, na manhã seguinte, com o selo da tarefa de que devem se ocupar durante o dia – essa subsunção realiza ironicamente o conceito da cultura unitária que os filósofos da personalidade opunham à massificação. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 108)

Logo, dentro de um contexto liberal/neo-liberal, onde o capitalismo torna-se o sistema hegemônico, a indústria cultural torna-se mercado e seus produtos ganham valor de bem de consumo. Mesmo os indivíduos que tentam resistir a esta lógica são incorporados a ela. Assim, a indústria cultural passa a incutir valores liberais nos indivíduos, ao passo que os objetos de arte passam a ser objetos de consumo, que se destinam às massas e que promovem o conformismo dos compradores que se satisfazem com a reprodução daquilo que é sempre o mesmo. Por meio da diversão, as massas tornam-se alienadas das condições de exploração em que se encontram. Divertir significa incutir conformismo nos indivíduos, para que estes se tornem dóceis ao sistema.

[...] Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base. É na verdade uma fuga, mas não, como afirma, uma fuga da realidade ruim, mas da última ideia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir. A liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 119)

Neste sentido, a indústria cultural passa a ser responsável pelo fenômeno de massificação, tornando a cultura unitária e administrando as singularidades para que estas se adequem ao universal, à totalidade, ou seja, para que se adequem ao sistema em curso. Os produtos culturais visam a uniformizar e unificar o sistema vigente, tornando-o mais coeso, por meio de ideologias que por ele são disseminadas. Fazendo um diagnóstico de seu período, meados do século XX, os filósofos frankfurtianos já faziam a seguinte afirmação:

[...] a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto[...] Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 99-100)

Aqui o próprio conceito de cultura pode se tornar algo ideológico. Pois, no sentido que se coloca, dentro do contexto da indústria cultural, a cultura pode ser interpretada como forma de administrar as singularidades para que estas se conformem ao todo do sistema que está em voga. “O denominador comum “cultura” já contém virtualmente o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 108). Portanto, a massificação dos indivíduos implica em um fenômeno totalitário e alienante.

Dentro deste contexto, toda a cultura de massas pretende ser idêntica e homogênea. A partir de uma cultura pautada pela mesmice, a arte passa a estar sujeita à lógica de mercado e a ser dominada pela repetição em série, passando a reproduzir clichês, que apenas variam em aparência. A literatura, as músicas, os artistas, os filmes, as telenovelas e os produtos culturais acabam se tornando meras repetições de coisas que já apareceram, que ressurgem ciclicamente e que são previsíveis devido a sua repetição e padronização.

Estes clichês visam a atender a demanda dos gostos que são característicos do liberalismo e de uma sociedade capitalista, uma vez que tais clichês expressam a tentativa de uniformização dos gostos dentro de tal sociedade. “As inúmeras agências de produção em massa e da cultura por ela criada servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais”. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 35).

A literatura como sendo também uma das formas de manifestação artística torna-se susceptível aos direcionamentos dados pela indústria cultural. Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p.12):

Não há mais nenhuma expressão que não tenda a concordar com as direções dominantes do pensamento, e o que a linguagem desgastada não faz espontaneamente é suprido com precisão pelos mecanismos sociais. Aos censores, que as fábricas de filmes mantêm voluntariamente por medo de acarretar no final um aumento dos custos, correspondem instâncias análogas em todas as áreas. O processo a que se submete um texto literário, se não na previsão automática de seu produtor, ao menos pelo corpo de leitores, redatores *e ghost-writers* dentro e fora do escritório da editora, é muito mais minucioso que qualquer censura. Tornar inteiramente supérfluas suas funções parece ser, apesar de todas as reformas benéficas, a ambição do sistema educacional.

Destarte, podemos inferir que se a literatura torna-se um produto da indústria cultural, sendo incorporada à uma lógica de mercado, então ela passa a ser produzida de forma a atender às demandas e reclames de uma massa de consumidores. Há uma perda de espaço da função formativa e educadora da literatura, em detrimento de seu potencial de produto comercializável. Partindo desta perspectiva, no tópico seguinte analisaremos como se dá o fenômeno da indústria cultural nos dias atuais e como a literatura se insere nesse contexto mercadológico.

## **1.2 A literatura e sua relação com a indústria cultural nos dias atuais**

Como dito por Jameson (2015, p.113, 124), a pós-modernidade se converte em uma nova cultura global, onde nenhuma descrição do presente pode deixar de lado a centralidade da economia. Sendo assim, os produtos artísticos, que se tornaram também produtos comercializáveis, entram nesta lógica do capitalismo global e passam a ser consumidos em escala planetária. Basta lembrar o alcance que têm os filmes de Hollywood e as estrelas da música pop mundial. Isto ocorre devido ao fato de que “A indústria cultural é fruto da oportunidade de expansão da lógica do capitalismo sobre a cultura”. (COSTA, 2013, p. 136). Neste sentido, podemos perceber a atualidade do conceito de Indústria cultural formulado por Adorno e Horkheimer, pois “A indústria cultural está aí! Todos os dias, seus produtos, dentre best-sellers, games, Cds e Dvds, invadem o cotidiano de bilhões de pessoas”. (COSTA 2013, p. 136).

Para pensarmos este fenômeno no âmbito da literatura. Basta lembrar dos best-

sellers que têm circulação mundial, como os livros da série *Harry Potter* e *Crepúsculo*, que além de circularem na forma de literatura ganharam também versões cinematográficas. Não estamos aqui julgando o valor estético ou a qualidade destes produtos, nem tão pouco acreditamos que fazer sucesso nas vendas seja necessariamente algo problemático, o fato é que eles ganharam um valor de mercado e uma circulação a nível global. Neste sentido, podemos inferir que a indústria cultural se expandiu junto com o capitalismo, tornando-se ela também um fenômeno global.

Entretanto, uma das consequências da inserção da literatura e das demais artes na indústria cultural é o fato de que os produtos mais rentáveis, aqueles que atenderão de forma mais eficaz às demandas de consumo, terão mais visibilidade. Sendo assim, a capacidade mercadológica de determinado produto artístico passa a ser um dos critérios da atribuição de seu valor estético e artístico. Ganham mais destaque e notoriedade os produtos com maior potencial mercadológico, muitas vezes tornando esquecidos outros objetos dotados de qualidade e valor artístico. Como nos alerta Durão (2011, p. 4):

[...] os últimos desdobramentos do capitalismo têm tornado ainda mais difícil conceber-se alguma coisa não relacionada ao mercado, incluindo a estética em seu sentido estrito [...] De novo, o fato de museus e bienais serem tão intrinsecamente afetados por interesses políticos e econômicos, de se promoverem artistas desprezíveis e deixarem os talentosos para trás, nada disso soará surpreendente a quase ninguém, e o certamente problemático gesto artístico da rendição espetacular ao mercado, incorporando-o ao material artístico.

Neste mesmo sentido, também é dito por Costa (2013, p. 143-144) que:

[...] os bens da indústria cultural, grosso modo pensando as maiores cifras (racionalizadas, massificadas e padronizadas), são essencialmente mercadorias. São criados para cumprir a função de valor de troca. A racionalidade estética é abandonada em prol da racionalidade instrumental. [...] As diferenças de qualidade atribuídas aos filmes, livros e músicas têm mais a ver com a sua utilidade de venda do que com sua qualidade intrínseca. Por isso, para que todos possam ser atingidos pela mão invisível da indústria cultural, as próprias distinções são criadas, cunhando, assim, um certo ar de opção.

Desse modo, é possível inferir que dentro da lógica de mercado, própria da indústria cultural, a literatura e os demais produtos de arte são avaliados pelo seu valor de mercadoria, como tudo em nossa época. Neste sentido, pode-se dizer que na atualidade, talvez em um grau mais acentuado do que em outras épocas, a indústria cultural dá primazia ao potencial mercadológico de determinado objeto artístico, deixando em segundo plano seu valor estético. Quiçá isto ocorra devido ao elevado grau de desenvolvimento do sistema capitalista, que hoje incorpora um mercado global. Com efeito, o que prevalece é a dimensão quantitativa do objeto artístico, pois:

[...] o que determina o funcionamento da indústria cultural a princípio não possui ligação direta com o termo “qualidade”, mas com a acumulação de capital. Não se trata em si de considerar a dimensão qualitativa, porém, essencialmente a sua extensão quantitativa. O que puder se transformado em venda, será, pois, objeto da indústria cultural: do funk carioca à massificação dos Cds de Beethoven. (COSTA, 2013, p. 139)

Destarte, na atualidade a indústria cultural possui uma capacidade de abarcar quase todas as formas de expressão da cultura, transformando-as em bens de consumo. A literatura, ao se situar neste contexto, passa cada vez mais a reproduzir os clichês, seguindo sempre a mesma fórmula do sucesso que atende aos gostos dos consumidores. Isto se dá devido ao poder prescritivo da indústria cultural e do capital, que sugere o que deve ser consumido por parte dos indivíduos, como forma de tentar neutralizar as heterogeneidades, em um fenômeno denominado de subsunção. Como dito por Jameson (2015, p.128):

Subsunción significa convertir las heterogeneidades en homogeneidades, subsumilas bajo abstracciones (que son por definicion idealismos), estandarizar la multiplicidad del mundo y convertirlo en esa cosa terrible que habría que evitar a cualquier precio, en concreto el Uno como tal. [...] la subsunción no es sólo un vicio de pensamiento, es real. Es el capital que absorbe heterogeneidades y las convierte en parte de sí mismo, que totaliza el mundo y lo convierte en el Uno.

Nesta perspectiva, ao se converterem as heterogeneidades em homogeneidades, cria-se uma massa de consumidores que não se volta criticamente para aquilo que consome. Desse modo, os poderes do capital e da indústria cultural engendram uma sociedade de consumo que devora avidamente aquilo que lhe é prescrito. “Prescreve-se, logicamente, o que conjunturalmente permite ser prescrito. Todavia, não se cria o produto e se joga para o consumidor. Pelo contrário, estuda-se o consumidor e se lança a mercadoria (sugerem-se necessidades)” (COSTA, 2013, p. 138). Desse modo, pode-se dizer que

[...] a cultura produzida pela indústria cultural é padronizada e baseia-se num gosto médio de um público que não tem tempo nem interesse em questionar o que consome. Os meios de comunicação de massa procuram, através de um mundo mágico, naturalizar as regras do jogo social, veiculando códigos serializados para qualquer um em toda a parte do planeta (PADILHA, 2002 apud COSTA, 2013, 143).

Atualmente, o poder de prescrição da indústria cultural ganha dimensões ainda maiores devido ao avanço nos meios de comunicação e ao advento da internet, o que permite que haja uma maior visibilidade e divulgação destes produtos. Os consumidores são cada vez mais assediados por comerciais e pelos anúncios dos produtos, que estão cada vez mais elaborados e apelativos. Com efeito, nesta lógica de mercado, onde se criam as demandas para que estas sejam supridas com os produtos da indústria cultural, cria-se também, cada vez mais, um contingente de indivíduos que consome sem questionar tudo aquilo que lhe é oferecido. Tais indivíduos se satisfazem com aquilo que é sempre o mesmo e que oferece a diversão como fuga do cotidiano. Dentro deste contexto há uma valorização

da potencialidade mercadológica da arte, em detrimento das suas outras potencialidades.

### 1.3 *Meshugá* e uma possível preservação do potencial formativo da literatura na atualidade

Em *Dialética do esclarecimento*, os filósofos da escola de Frankfurt Theodor W. Adorno e Max Horkheimer reconstituem a trajetória do conceito de esclarecimento no mundo ocidental. Eles concluem que este conceito não se restringe apenas ao movimento histórico/filosófico do século XVIII, denominado Século das Luzes. O esclarecimento aponta para o processo de desencantamento do mundo, em que as pessoas se libertam do medo de uma natureza desconhecida e mítica. Assim, a razão foi a estância responsável pelo processo de esclarecimento. Entretanto, ao analisar os diversos conflitos e dilemas de seu período, os filósofos frankfurtianos colocam a seguinte indagação: “por que a humanidade em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano está se afundando em uma nova espécie de barbárie”?

A resposta é que no próprio esclarecimento está contido este elemento de regressão. Assim, o processo de esclarecimento se mostra como um processo dialético, pois carrega em seu cerne a sua própria negação, que será responsável pela sua autodestruição. Neste sentido, o esclarecimento recai no mito, uma vez que este é sua antítese. Assim, dentro de uma lógica da dialética, o próprio esclarecimento carrega em si elementos míticos. Neste sentido, “o esclarecimento se converte, a serviço do presente, na total mistificação das massas (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 46).

A razão, que é o principal instrumento do esclarecimento, busca a unidade, pois o esclarecimento só reconhece o que se deixa captar na unidade. A lógica formal é responsável por sua unificação. Neste sentido, a razão afeta a singularidade das coisas buscando homogeneizá-las. Isto demonstra que o esclarecimento torna-se totalitário ao violar as singularidades para que estas se conformem ao todo. Como alerta Habermas (2010), a razão instrumental do esclarecimento transforma tudo o que toca em instrumento. Tal razão não busca a verdade das coisas, mas a capacidade de produção. Esse saber instrumental pode se autodestruir e recair na barbárie, assim o homem estaria desamparado perante tal saber.

Diante disto, Adorno e Horkheimer aludem à seguinte afirmação de Schelling, “[...] a arte entra em ação quando o saber desampara os homens” (SCHELLING, apud ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 29). Essa entrada em ação da arte aponta para um potencial de direcionamento, possibilitando-nos inferir que, diante de um saber que se autodestrói, a arte pode apontar possíveis caminhos que a humanidade pode seguir, e os rumos que se deve tomar para se evitar o estado de barbárie. Isto evoca o seu potencial de formação. Não formação no sentido de *Bildung*, ou de uma educação moral por meio da estética, como queria Schiller (2012), mas no sentido de capacidade de direcionamento, a arte poderia sugerir caminhos a serem seguidos. Dessa maneira, diante da falência do esclarecimento, tendo em vista que este pode conduzir novamente à barbárie e ao totalitarismo, brotaria o

potencial formador da arte, sua capacidade de humanizar, indicando os direcionamentos a serem tomados.

Neste sentido, perante à regressão do esclarecimento, que tem como um de seus emblemas a indústria cultural, ainda há um espaço para a capacidade formativa da literatura e dos outros produtos artísticos, não ficando estes restritos apenas à indústria do entretenimento. Portanto, ainda é possível ensinar pela literatura. Com efeito, é possível interpretar o livro *Meshugá*, escrito por Jacques Fux, como exemplo disto. Pois este livro é uma forma de nos alertar para que não haja um retorno ao estado de barbárie, podendo ser compreendido como uma maneira de apontar um direcionamento possível a ser seguido, uma forma de transmitir uma lição por meio da literatura. Este livro não busca desenvolver uma pedagogia ou formação (*Bildung*), mas visa a orientar para que possamos aprender com o terror vivido pelos seus personagens, que foram vítimas do preconceito e do racismo por terem origem judaica

No seu livro, Fux faz uma espécie de coletânea contendo algumas biografias ficcionalizadas de judeus publicamente conhecidos. Apesar de serem todos eles personalidades reais, no livro, se tornam personagens da narração de Fux, que mistura traços biográficos com ficcionais. Há um elemento comum em todas estas personalidades, a saber, a loucura. Assim, Fux (2016, p. 180) diz que os personagens de seu livro “somente foram eternizados após reconhecimento público de sua genialidade. Ou de suas loucuras”. Além da loucura e da genialidade, outro elemento comum presente em grande parte destes personagens é a perseguição que sofreram por serem de origem judaica. Alguns dos personagens de Fux evocam o passado de perseguições e de sofrimento do povo judeu, que teve seu ponto máximo no holocausto nazista.

A intelectual Sarah Kofman é um destes personagens atormentados com o passado do seu povo, marcado por perseguições e sofrimentos. De origem judaica, Sarah presenciou os horrores dos campos de concentração e da perseguição dos judeus na Segunda Guerra Mundial, quando seu pai foi levado para um destes campos de extermínio. Com aflição ela se lembra que

Nesse mesmo dia em que seu pai foi “recolhido”, outros treze mil judeus também foram covardemente roubados de seus lares. Milhares de histórias foram perdidas naquela assombrosa invasão, que ficou conhecida como *rafle*. Histórias interrompidas, destruídas e aniquiladas pela suposta sanidade nazista e de seus comparsas franceses. Todas essas pessoas, e também o pai de Sarah, foram levadas ao Vélodrome d’Hiver em Paris. E lá permaneceram três dias até serem transportadas para o campo de internação de Drancy, de onde foram enviadas para alguns campos de concentração e extermínio. (FUX, 2016, p. 10)

A alusão a este passado de terror e perseguição, de que foi vítima o povo judeu, pode ser interpretada como uma forma de alerta, para que estes horrores não tornem a acontecer. Benjamim (1987, p. 224-225) defende que: “Articular o passado não significa

conhecê-lo “como ele foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.” Desta forma, os relatos de *Meshugá* podem ser compreendidos como reminiscências de um passado que “relampeja”, trazidas de volta para mostrar o perigo que se esconde nos discursos de ódio e intolerância.

Em algumas destas histórias o autor diz que seus personagens não descansarão em paz. Isto pode ser percebido em um trecho que narra sobre a mesma Sarah Koufman. Nele se diz que ela “está completamente devastada, mas se obriga a continuar invadindo sua alma. Auschwitz: onde nenhum descanso eterno deverá ou poderá ser concedido. Não há, nem pode haver, descanso algum. Nunca, Jamais. Nem depois da sua morte”. (FUX, 2016, p. 16) Sobre outro personagem do livro é dito o seguinte: “Que o mundo perdoe e compreenda Otto Weininger. E que ele nunca descanse em paz. (FUX, 2016, p. 85) Assim como Sarah Koufman e Otto Weininger, os outros personagens do livro nunca poderão descansar em paz, porque seu passado deverá ser sempre lembrado para que o terror e a barbárie de que foram vítimas não continuem acontecendo. Eles serão sempre cadáveres exumados pela história. Terão suas sepulturas remexidas pela lembrança dos seus dramas e da violência que sofreram por parte de uma sociedade preconceituosa.

Dessa forma, a perseguição aos judeus, da qual foram vítimas os personagens de Fux, pode ser compreendida como um elemento presente na regressão do esclarecimento à barbárie, pois o próprio esclarecimento contém em si os elementos da barbárie. Com efeito, a violência, o terror e o preconceito passam a ser produtos da própria racionalidade que deveria ser responsável por retirar os indivíduos das trevas da minoridade para instaurar um estado de maioridade intelectual. Assim, a violência contra as minorias e contra o outro tem suas origens no esclarecimento, já que “O próprio esclarecimento, em plena posse de si mesmo e transformando-se em violência, conseguiria romper os limites do esclarecimento” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 171).

Esta racionalidade, que seria responsável pelo esclarecimento, também tornou-se responsável por conduzir a humanidade a um estado de barbárie, que teria um de seus pontos culminantes nos horrores do holocausto nazista, representado pelos campos de concentração. A mesma razão que produziu a ciência também serviu de fundamento para inúmeros preconceitos e estereótipos racistas. Isto pode ser percebido em um trecho de *Meshugá*:

Em 1896 o grande cientista Krafft-Ebing demonstra “cientificamente” a ideia da prevalência da neurastenia – a ausência de “força nos nervos” – na população judaica. Além disso, ele também prova que os judeus “usam muito seu cérebro em um esforço incansável visando ao lucro desmedido. Por consequência, há na raça certa tendência à doença mental”. Nesse momento da História, então, essa dita “ciência” busca comprovar a estreita ligação entre os judeus, a loucura e a ganância. Eles querem mostrar que esse povo, perigoso e estranho, acaba adoecendo e contagiando a sociedade em virtude dessa necessidade fisiológica pela riqueza. Essas ideias aparentemente ridículas apenas confirmam o preconceito inconsciente e coletivo que perdura através da história da parte da comunidade científica. (FUX, 2016, p. 69)

Neste trecho, Fux mostra como a razão e a ciência podem fundamentar preconceitos. No caso acima, a “comprovação científica” contribui para que seja criado e reforçado o estereótipo do judeu louco e ganancioso. Tais estereótipos se perpetuam ao longo da história e contribuem para a perseguição ao povo judeu. Por vezes, a imagem preconceituosa e estereotipada que se tem desse povo é interiorizada pelos próprios indivíduos de origem judaica. Fux diz o seguinte sobre isto:

Os judeus, apesar de viverem e compartilharem um ambiente parecido, nutrem um sentimento estranho por si, pelos outros judeus e também por todos. Esse olhar já está contaminado pelo ódio, pela perseguição e pelo preconceito do outro [...] “Uma tragédia comum entre os grupos étnicos que são hostilizados ou perseguidos é o fato de que muitas vezes acabam introjetando a deletéria imagem que deles é construída”, escrevem os psicólogos (FUX, 2016, p. 181, 59).

Alguns dos personagens de *Meshugá* interiorizam em si estes estereótipos que são construídos pelo olhar preconceituoso do outro, a respeito do povo judeu, e passam a se odiar, sentindo repugnância de si mesmos e de toda a sua cultura e religião. Otto Weininger, Daniel Burros são dois dos personagens judeus, do livro de Fux, que passam a odiar sua origem e a cultura judaica. Os dois são judeus que desprezam seu sangue e seu povo e começam a defender ideias antissemitas. Weininger um jovem intelectual que buscava justificar de forma racional a inferioridade do povo judeu, defendendo que a “judeidade” era uma doença que apenas a morte poderia redimir. Burros que torna-se um ferrenho defensor da extinção dos judeus, encantado com as ideias nazistas de eugenia, e membro do grupo extremista *Ku Klux Kan*, que disseminava ideias antissemitas. Ambos representam o quão maléfico e destruidor pode ser o olhar preconceituoso e fascista que se lançou historicamente sobre o povo judeu e sobre algumas minorias.

O ódio e a perseguição por aquilo que é diferente constituem elementos totalitários responsáveis pela barbárie e pela ocorrência de grandes atrocidades na história da humanidade, tais como Auschwitz. Isto está presente em um trecho em que o autor descreve Weininger da seguinte forma:

Apesar de ousado, rebelde, prodígio, nunca encontrou lugar algum neste mundo, que ia se fechando gradativamente para a existência do judeu. Mesmo tendo acatado as ideias preconceituosas de sua amada sociedade, a barbárie vindoura de Auschwitz estava mais que evidenciada. E ele não poderia escapar (FUX, 2016, p. 83)

Com efeito, a violência, as ideias preconceituosas e o totalitarismo que conduzem ao estado de barbárie possuem origem na própria racionalidade e na ideia de esclarecimento. Tais ideias passam a permear a sociedade e também são disseminadas pela indústria cultural. “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura.” (BENJAMIM, 1987, p. 225). Como exemplo disto, basta lembrar

que os Nazistas utilizaram o cinema como forma de propaganda para veicular as ideias do Reich.

Os discursos, que conduzem ao fascismo e ao totalitarismo, vivem espreitando em busca de um momento propício para aparecerem novamente, instaurando um estado de barbárie tão cruel e horrendo quanto os campos de concentração nazistas. Em suas *Teses sobre o conceito de História*, Benjamin (1987) nos alerta que a barbárie esteve presente em todos os momentos da história, pois a cultura não é dela isenta. Disto decorre, que a barbárie, que resultou nos horrores do passado, não é um evento que ficou para trás, mas algo que permanece presente em nosso meio e que a qualquer momento pode culminar com novos horrores tão cruéis quanto os de outrora. Esta mesma barbárie está presente nos discursos de ódio, no preconceito e na violência, vivenciados pelos personagens de *Meshugá*.

Assim, as histórias dos personagens de Fux podem ser compreendidas como formas de lembrar o horror e a barbárie que tiveram seu ponto culminante em Auschwitz. Ao ler as histórias, a dor dos personagens pode ser compartilhada pelo leitor. Talvez o autor busque um envolvimento por parte do leitor com os dramas vividos pelos personagens, na tentativa de que Auschwitz não torne a acontecer, pois as marcas dolorosas, deixadas por esta atrocidade, pertencem a toda a humanidade, não somente ao povo judeu. No próprio livro, Fux afirma que sentiu a dor de seus personagens, quando diz que:

Quer ironizar e refutar as crenças conspiratórias e absurdas sobre o judeu louco, *meshugá*, e provar que tudo é uma brincadeira infinita. Mas não é nada disso que sucede. Ao vasculhar a alma e a mente desses seus atormentados personagens, se confronta com a própria vida e com a loucura. Ele então aceita e compreende o sacerdócio da escrita. Da criação e do autoexterminio. Sente a dor autêntica, legítima e sincera do outro. E de si mesmo. (FUX, 2016, p. 192)

[...] Os pesadelos começaram a não ser somente os dele, mas também os de todos. E os tormentos, as biografias e os martírios dos outros passaram a ser inteiramente os dele. Ele se tornou seus fantasiosos personagens. E enlouqueceu junto com eles. (FUX, 2016, p. 8)

[...] Todos eles foram lentamente introjetados ao serem escritos. Toda dor, angústia, insatisfação, crueldade, sexualidade, ironia, perseguições, culpa, medo, cólera e loucura foram também vivenciados por esse autor/narrador. (FUX, 2016, p. 180)

Se isto ocorreu com o autor, também poderá ocorrer com o leitor. Pode ser que este também sinta as dores e o sofrimento destes personagens atormentados por sua loucura e genialidade, perseguidos por sua origem. Talvez as diversas histórias que compõem este livro tenham como intuito nos colocar no lugar do outro, para que sintamos a dor e a angústia do povo judeu e daqueles que são perseguidos pelo olhar preconceituoso de nossa sociedade. Colocar-se no lugar do outro, pelo menos por poucos instantes, pode ser uma das melhores formas de combater o preconceito e o fascismo.

Destarte, o autor, ao se envolver com estas histórias, recria a dor do outro, a dor de toda a humanidade, não só dos judeus, mas também daqueles que foram oprimidos e sofreram com o terror da barbárie e do preconceito. Os pesadelos que assolaram os personagens não são apenas seus, mas do autor, do leitor e de todos, pois o medo de que algo como Auschwitz torne a acontecer assombra a humanidade inteira. Aprender com os horrores do passado é algo fundamental para que tais horrores não se repitam. Pois como dito por Benjamim (1987), somos dotados de uma fraca força messiânica, para a qual o passado dirige um apelo e este não pode ser rejeitado impunemente. Caso ele seja ignorado, podemos reviver novamente os horrores do passado. Dessa forma, transmitir esta mensagem de alerta por meio da escrita passa a ser quase um “sacerdócio”, como diz Fux nos trechos acima.

Assim como em *Meshugá*, uma das grandes preocupações da obra de Adorno e Horkheimer é a de que o estado de barbárie não se instaure novamente, que Auschwitz não torne a acontecer. Nesse sentido, a violência de que os judeus foram vítimas é um elemento presente na própria dialética do esclarecimento, uma vez que este pode retroceder ao estado de barbárie. Tal estado é compreendido por Adorno da seguinte forma:

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo particularmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda essa civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade. (ADORNO, 1995, P. 155).

Assim, Adorno considera tarefa fundamental evitar que este estado de barbárie se perpetue e venha a culminar com algo terrível. Isto seria possível por meio de uma conscientização por parte dos indivíduos. Ao mostrar em *Meshugá* a violência da qual seus personagens foram vítimas, Fux conscientiza sobre o estado de barbárie do qual fala Adorno, e as suas possíveis consequências. Deste modo, no livro de Jacques Fux se encontra esta potência que a arte tem de ensinar, transmitindo uma lição para que a violência não torne a ocorrer. O romance de Fux exemplifica a capacidade de apontar direcionamentos e de ensinar, que a literatura ainda preservaria. Nesta perspectiva, a literatura pode ser compreendida como uma instância formadora, no sentido de condução ou direcionamento, já que esta obra alerta sobre a intolerância e o preconceito que podem conduzir a um estado de violência extrema e de barbárie

## 21 CONCLUSÃO

Junto com a expansão do capitalismo, que se torna uma força de abrangência planetária, também se expande a indústria cultural, constituindo, assim, uma “cultura global”, cujas músicas, filmes, best-sellers e outros produtos circulam por todo o mundo e são consumidos pelas massas. Neste sentido, pode-se inferir que a literatura, por ser ela também um produto artístico e cultural, é englobada pela lógica de mercado e passa a ser um objeto de consumo. Disto decorre uma perda de visibilidade do potencial formativo da literatura.

Se analisarmos o fenômeno da indústria cultural sob a ótica da dialética do esclarecimento, constataremos que tal indústria é produto da razão instrumental, que busca reduzir tudo à unidade. Entretanto, o esclarecimento tende a recair no mito e o homem tende a ficar desamparado diante de tal racionalidade. A mesma razão que tinha como objetivo desencantar o mundo e elevar o homem para um estado de maioridade intelectual também é responsável pelos eventos ocorridos na Segunda Guerra Mundial, como os campos de extermínio e as bombas que devastaram Hiroshima e Nagasaki.

Assim, diante da falência do esclarecimento, a arte ainda pode preservar seu potencial formativo e sua capacidade de apontar uma direção para o humano. Mesmo estando presa a uma lógica de mercado, a literatura pode ir além de tal lógica e ainda ser uma instância formadora, humanizando os indivíduos. O romance *Meshugá*, de Jacques Fux, pode ser usado como forma de ilustrar isto. Podemos compreender que a articulação dos ensaios e relatos, que compõem este livro, apontam para um imperativo ético de recuperação do potencial de humanizar da arte. Apesar de não buscar desenvolver uma pedagogia ou um projeto de formação intelectual, este romance visa a transmitir uma mensagem por meio da literatura, criando um imperativo ético: o de que não podemos esquecer o passado marcado pelos horrores do preconceito e das perseguições às minorias e ao povo judeu, que culminaram com as atrocidades de Auschwitz. Lembrar tal passado serve como alerta para que possamos entender que a barbárie sempre se esconde nos discursos de ódio e de repulsa por aquilo que é diferente.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO, T; BENJAMIN, W; HABERMAS, J; HORKHEIMER, M. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril cultural, 1983. P. 5-28.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história, 1940. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In: Walter Benjamin – **Obras escolhidas**: Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232.

COSTA, Jean Henrique. A atualidade da discussão sobre a Indústria cultural em Theodor W. Adorno. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 36, n. 2, p. 135-154, 2013. Disponível em: [www2.marilia.unesp.br](http://www2.marilia.unesp.br) > Capa > v. 36, n. 2 (2013). Acesso em: 28/07/2017

DURÃO, Fabio Akcelrud. De volta a Adorno na interpretação da cultura. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 7, p. 1-14, 2011. Disponível em: [http://www4.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros\\_antiores/n7/download/pdf/territorio\\_contemporaneo\\_F\\_Durao.pdf](http://www4.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_antiores/n7/download/pdf/territorio_contemporaneo_F_Durao.pdf) Acesso em: 26/07/2017

FUX, Jacques. **Meshugá**: um romance sobre a loucura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

HABERMAS, Jürgen. O entrosamento entre o mito e o Iluminismo: Horkheimer e Adorno. In: HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: texto editores, 2010. p. 114-135.

HULLOT-KENTOR, R. O que é reprodução mecânica?. **Remate de males**, n. 29, v. 1, p. 10-23, 2009. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/1061/848> Acesso em 27/07/2017

JAMESON, F. La singularidad estética. **New Left Review**, London, n. 92, p. 109-141, 2015.

SCHILLER, Johann Christoph Friedrich. Sobre a educação estética do homem em uma sequência de cartas. In: DUARTE, Rodrigo. **O Belo autônomo**: Textos clássicos de estética. Belo Horizonte: Crisálida, 2012. p. 149-165.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem 2, 5, 6, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 48, 60, 69, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 103, 123, 127, 128, 130, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 157, 162, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 174, 175, 176, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 188, 200, 201, 205, 206, 207, 211, 217, 218, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 245, 246

### C

Cibercultura 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17

Cultura Contemporânea 140, 143

### D

Desenvolvimento docente 86, 88, 90, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 241

Dialogismo 20

Docente de medicina 86

Docentes de enfermagem 86

### E

Educação 2, 9, 10, 12, 13, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 19, 28, 29, 30, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 94, 98, 99, 100, 101, 102, 108, 109, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 131, 133, 134, 135, 138, 139, 147, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 166, 167, 168, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 220, 221, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 248, 249

Educação Matemática 101, 102, 116, 166, 198, 203, 205, 216, 218, 221, 227, 228

Educação Superior 86, 98, 99, 124, 157, 192

Emoção 74, 77, 78, 82, 83, 84

Ensino Fundamental 13, 21, 70, 75, 122, 127, 160, 166, 167, 187, 194, 199, 200, 207, 208, 211, 213, 214, 220, 222, 223, 227, 228, 232, 234, 235, 237, 238

Ensino híbrido 13, 17, 173, 174, 175, 176, 178, 180, 183, 184

Ensino Médio Integrado 13, 173, 174, 180

Estágios 12, 130, 131, 133

Estágio Supervisionado 12, 50, 115, 125, 126, 127, 128, 129, 133, 134, 244

## F

Formação 9, 10, 11, 12, 13, 14, 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 37, 40, 41, 44, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 69, 70, 74, 78, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 204, 205, 206, 208, 210, 211, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 248

Formação Continuada 14, 18, 100, 166, 167, 229, 233, 234, 235, 238, 248

Formação de professores 12, 13, 10, 18, 19, 26, 28, 41, 56, 65, 74, 102, 103, 105, 106, 108, 110, 115, 116, 123, 128, 129, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 165, 168, 172, 176, 183, 194, 208, 218, 232, 235, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 248

Formação Docente 11, 12, 13, 1, 9, 11, 18, 86, 99, 125, 130, 173, 184, 186, 216, 227, 238

Formação integral 173, 178, 180

Formação Pedagógica 12, 9, 94, 95, 118, 119, 120, 123, 134, 160, 184

## H

História 19, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 52, 57, 58, 65, 96, 99, 106, 107, 108, 132, 136, 137, 138, 149, 150, 151, 154, 177, 181, 184, 190, 201, 209, 227, 243, 244

História de vida 28, 29, 32, 40, 43, 44, 96, 107, 108, 177, 243

## I

Identidade 11, 9, 15, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 30, 32, 37, 40, 52, 80, 86, 87, 88, 95, 96, 98, 101, 102, 103, 104, 107, 111, 112, 113, 114, 116, 123, 125, 127, 128, 129, 170, 192

Identidade docente 11, 20, 21, 23, 86, 95, 96, 125

Indústria Cultural 12, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 150, 153

## J

Jovens Doutores 12, 118, 119, 120, 122, 123, 124

## L

Licenciaturas 12, 60, 61, 126, 130, 132, 133, 160, 186, 188, 189, 192, 193, 197, 240, 242, 244, 245, 247

Linguagem 20, 23, 24, 25, 26, 85, 88, 106, 117, 144, 201, 205

Linguística Aplicada 20, 24, 25, 58

## **M**

Matemática 12, 13, 33, 49, 101, 102, 103, 107, 109, 112, 113, 114, 116, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 189, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 234, 235, 237, 244

Memória 7, 32, 45, 74, 77, 78, 80, 81, 84, 85, 127

Memoriais 125, 127, 129

## **N**

Neurociências 11, 74, 76, 77, 84

## **P**

Pandemia 1, 2, 3, 4, 5, 8, 17, 86, 91, 174, 178, 180, 183

Percurso profissional 12, 87, 118, 119, 123

Políticas 9, 12, 7, 35, 51, 58, 62, 65, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 88, 112, 124, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 181, 184, 186, 188, 189, 190, 194, 198, 199, 201, 203, 210, 212, 221, 225, 229, 230, 232, 237, 241, 242, 243, 245

Políticas Educacionais 67, 73, 156

Portfólios 125, 126, 127, 129

Precarização do Trabalho 9, 11, 67, 68, 72, 193

Professor 9, 13, 14, 2, 3, 5, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 25, 26, 30, 31, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 51, 55, 57, 58, 60, 62, 70, 71, 75, 77, 81, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 128, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 155, 156, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 181, 182, 184, 191, 192, 193, 198, 199, 200, 204, 206, 210, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 227, 229, 230, 231, 234, 235, 236, 239, 242, 243, 245, 246, 247, 248

Professor de Matemática 13, 101, 102, 109, 198, 199, 204, 216, 218, 219

## **R**

Reflexiva 17, 35, 41, 52, 54, 117, 129, 155, 156, 161, 163, 164, 169, 172, 238

Relato de experiência 43

## **S**

Saberes 10, 13, 10, 11, 12, 19, 26, 58, 60, 65, 88, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 107, 108, 109, 110, 111, 114, 116, 119, 128, 135, 138, 156, 164, 166, 168, 169, 170, 184, 194, 213, 233, 237, 238, 247, 248

Ser professor 9, 9, 10, 11, 33, 43, 55, 60, 94, 99, 100, 102, 104, 105, 107, 111, 135, 160,

227

Sujeito 4, 10, 20, 23, 24, 25, 26, 30, 33, 36, 37, 38, 50, 76, 82, 83, 84, 87, 90, 94, 96, 97, 102, 104, 106, 111, 112, 114, 115, 127, 134, 170, 181

## **T**

Trabalho Docente 9, 11, 65, 67, 68, 69, 73, 87, 100, 114, 115, 117, 158, 165, 168, 176, 181, 193, 244, 245

# Educação:

DIÁLOGOS  
CONVERGENTES  
E ARTICULAÇÃO  
INTERDISCIPLINAR

---

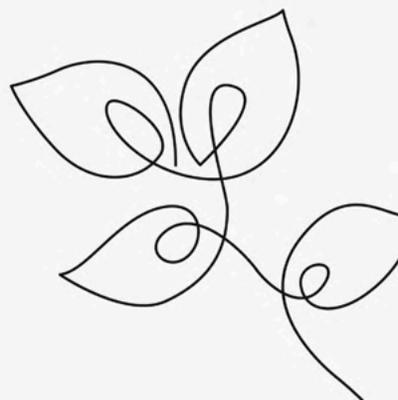
  
Ano 2021

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)   
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)   
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)   
[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

*Apresentador da palavra, Descontinator do mundo,  
Apontador de caminhos, Transformador da vida,*

5

*Sonhador, Trabalhador, Educa a dor, Planta amor.*



# Educação:

DIÁLOGOS  
CONVERGENTES  
E ARTICULAÇÃO  
INTERDISCIPLINAR

---

  
Atena  
Editora  
Ano 2021

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

*Apresentador da palavra, Descontinator do mundo,  
Apontador de caminhos, Transformador da vida,*

5

*Sonhador, Trabalhador, Educa a dor, Planta amor.*

